

RIO DE JANEIRO

ANNO 1

Nº 2



4173
52

REVISTA

AMERICANA

IMPERIAL
Instituto Artístico

61, RUA D'AJUDA, 61

RIO DE JANEIRO

1878



HISTORIA

INCONFIDENCIA



Movimento revolucionario que teve logar em Minas em 1788. Duas causas, uma externa, e outra interna, determinaram a premeditação de um levante na capitania de Minas-Geraes. A emancipação dos Estados-Unidos e as idéas liberaes que em fins do seculo 18º percorriam o mundo conquistando consciencias e arrastando dedicações, não podiam deixar de influir no espirito de alguns jovens brasileiros, que na universidade de Montpellier, aspiravam um honroso diploma scientifico. O estado de abatimento de nossa patria tão rica de elementos de grandeza e de prosperidade, os gemidos dos nossos compatriotas victimados pela prepotencia dos crueis despotas que os tyrannisavam, vivamente tocaram os corações d'aquelles jovens, para quem a patria era a estrella que mais fulgurava no céu de sua alma. Em 1786, no mesmo anno em que a nação heroica de Washington soltava o brado da liberdade, José Mariano Leal, Joaquim da Maia, Domingos Vidal Barboza Lage, alem de outros, brasileiros distinctos pelo talento e coração, congregaram-se com o fim de fazer echoar no seio de nossas florestas magestosas o *fat lux* das nações oppressas. Era então representante dos Estados-Unidos perante o governo Francez, Jefferson, com quem Maia conferenciou a respeito do projecto que n'alma cimentava. O prudente ministro, informado da situação do nosso paiz e comprehendendo ser impossivel a sustentação de uma luta entre a colonia e a metropole, declarou ao moço patriota

que não podia acceder ás suas sollitações, mesmo porque não tinha instrucções do seu governo, a quem devia obediencia. Semelhante resposta não desanimou o nosso compatriota que, confiando na sanctidade da causa que defendia, jurou levar por diante sua empreza arrojada. Partiram os revolucionarios de França com destino a terra da patria. Maia, ao passar por Lisboa, expira legando a realisação de sua idéa aos saudosos companheiros de quem para sempre apartava-se. Vidal Barboza, mais feliz, consegue chegar a Minas, chão de seu berço, e receber os osculos sagrados de seus pais, anciosos pela sua vinda.

Antes porém que os estudantes de Montpellier cogitassem na redempção da patria, já no seio do Brasil a prepotenciã dos vice-reis e as extorsões dos nossos possuidores tinham despertado a consciencia de alguns benemeritos, que respiravam a livre aragem das selvas mineiras. Governava então a capitania de Minas-Geraes com todo o peso da autoridade o capitão general Luiz da Cunha Menezes. « Tudo se havia transformado, diz o Sr. Norberto, sob o seu bastão de ferro e como se imperasse a vara magica de um genio máo, a inercia substituia a actividade, e a capitania que progredia, parou e veio depois a retrogradar da prosperidade e incremento em que ia. Os povos desanimaram, e do desanimo passaram á murmuração. » O estado de prostração da colonia é á justificação robusta do levante infeliz, mal iniciado, mal combinado e mal succedido. A' frente dos conjurados destacavam-se por sua elevada posição social o desembargador Gonzaga, o Sr. Claudio Manoel da Costa, o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, além de outros; e pela convicção com que defendeu as idéas da revolta o alferes Joaquim José da Silva Xavier, cuja memoria não tem sido acatada com aquelle recolhimento merecido. Diversas reuniões se fizeram e n'ellas resolvem-se:— a proclamação da republica, cuja bandeira teria por divisa as palavras do poeta latino — *libertas quæ sera tamen* — (liberdade ainda que tarde); a fundação de uma universidade em Villa-Rica, a transferencia da capital para Ouro-Preto, e finalmente que o rompimento do levante teria lugar, quando o governo quizesse effectuar a cobrança de todas as dividas atrazadas do quinto do ouro. Para alliciar o apoio dos fluminenses, e comprar armas e munições, partio para o Rio de Janeiro o alferes Xavier, que aqui já havia estado e conferenciado com o Sr. José Alves Maciel, recentemente chegado da Europa. Estavam as cousas n'este pé, quando a 11 de Julho de 1788 tomou posse em Villa-Rica do governo da capitania de Minas-Geraes o capitão-general Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena. Encetou o novo governador a sua administração despertando nos habitantes da capitania sob sua jurisdicção as mais serias suspeitas sobre as medidas de rigor, que elle pretendia pôr em

execução para proceder á cobrança dos quintos. Já a esse tempo o alferes Xavier, de volta do Rio de Janeiro, por toda parte corria angariando proselytos para a causa de que tornara-se corypheu e unica victima. Em um dos ultimos dias de Dezembro d'aquelle anno teve logar em casa do tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade uma importante reunião, a que assistiram o alferes Xavier, o vigario Carlos Corrêa de Toledo, o desembargador Gonzaga, além de alguns outros. Asseverando Xavier que tinha muita gente prompta no Rio de Janeiro para acompanhar o *levante*, pediu Freire de Andrade que a revolta começasse pela capital do vice-reino e que os influentes viessem á capitania de Minas-Geraes com gente armada para decidirem-na a esposar a sua causa. Oppoz-se Xavier ao alvitre proposto por Andrade e tão solidas razões adduzio que mereceu a acquiescencia do coronel Alvarenga. Ficou pois decidido que o levante começaria na capitania de Minas, logo que se publicasse a derrama, e que na noite desse dia sahiria o alferes Xavier com alguns companheiros gritando pelas ruas de Villa Rica—*liberdade*. Pedio ainda o alferes Xavier para si a posição mais arriscada, offerecendo-se para ir á Cachoeira prender ou matar o governador visconde de Barbacena, cujo desaparecimento muito importava para o bom exito da conspiração. Assentadas estavam as bases do levante; a ellas adheria Gonzaga, apezar da negativa formal que posteriormente oppoz, quando compareceu á presença da devassa. Um miseravel, para quem o desprezo da posteridade é fraca condemnação de seu acto, procurou o governador e expoz circunstanciadamente o levante que se premeditava. De subito o visconde de Barbacena dirige, em data de 22 de Março de 1789, uma circular ás camaras da capitania, na qual declarava: « A consideravel diminuição que tem tido a quota das 100 arrobas de ouro que esta capitania paga annualmente de quinto a S. M. pede as mais efficazes averiguações e providencias. A primeira de todas deveria ser a derrama, tanto em observancia de lei como pela severidade com que a mesma senhora foi servida estranhar o esquecimento della; porem conhecendo eu as diversas circumstancias em que hoje se acha esta capitania, e que este ramo da real fazenda é susceptivel de melhoramento, não só em beneficio do regio erario, mas dos povos cuja conservação e prosperidade é o objecto principal do illuminado governo da rainha nossa senhora: e não tanto pela affeição particular com que me occupo em procurar aos desta capitania toda a sorte de felicidade, que sempre preferiria á minha propria, como pela confiança que devemos ter na piedade e grandeza de S. M., que é bem notoria, tomei sobre mim *suspender o lançamento da derrama*. . . » — Ferira habilmente o governador o amago da questão, pois a derrama era a senha da revolta: extincta a causa do descontentamento, extincto ficava o levante por ella provocado. A perfidia do governador não se paten-

teou só no documento que acabamos de transcrever : mais clara ella mostra-se nos meios que elle empregou para prender e punir os infelizes, que tinham de pagar no patibulo e nas masmorras a dedicação que consagravam á patria e á liberdade. Servio-se o visconde de Barbacena do miseravel portuguez Joaquim Silverio dos Reis, que delatara-lhe a trama; ordena que o infame penetre nas casas levando no rosto afivellada a mascara da amisade, que inquiria dos filhos contra os paes, e vice versa, dos irmãos contra os irmãos, dos amigos contra os amigos. Ennegrecido braço de um proconsul famigerado, Joaquim Silverio põe em em jogo tudo quanto a perversidade lhe alembra e após por uma espionagem demorada, leva nos refolhos de sua memoria os nomes dos revoltosos e os projectos que buscavam realisar. Guarda o governador o fio da trama, não murmura sobre os meios que já no cerebro concebera para punir os infelizes que confiaram a Silverio dos Reis o segredo de suas culpas.

Faz convencer de que não está senhor das minudencias da trama, mas que só tem conhecimento de vagos rumores que circulam ; manda, entretanto, pela Portaria de 7 de Maio de 1789 que se proceda a devassa acerca de *algumas* noticias que recebera, e que tornavam suspeitosa a fidelidade de alguns vassallos da capitania de Minas-Geraes. Nomeou juizes da devassa o desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, e para escrivão o corregedor da comarca do Rio de Janeiro Marcellino Pereira Cleto. Tomadas todas as providencias seguio-se a perseguição e pouco depois a prisão dos criminosos. Não bastaram as fortalezas das ilhas de Villegaignon e das Cobras, e dos morros da Conceição e do Castello com suas asquerosas masmorras ; foram tambem convertidas em segredos os cubiculos dos edificios da relação e da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, e até transformou-se em prisões secretas o proprio palacio vice-real. Reclusos os conjurados foram inquisitorialmente interrogados ; á cilada da pergunta correspondia a declaração de um delicto não praticado. De tudo se lançou mão : pela ameaça da morte arrancou-se de um a delação de companheiros escapos á rêde da devassa, de outros a imputabilidade de culpas a infelizes que as não tinham commettido.

Claudio é apunhalado, ou suicida-se na prisão, Gonzaga e Alvarenga negam a sua coparticipação no delicto ; só Xavier, o mais *ignorante* de todos, chama a si toda a responsabilidade, desafia a colera de seus juizes e aspira permutar a vida passageira que na terra gozava pela gloria eterna de uma posteridade que o admira.

Funcionou, alem da devassa de Minas, uma outra na côrte : perante esta responderam Tiradentes, Gonzaga e alguns outros. Recolhidas as provas do crime, remetteu-as o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza á rainha de Portugal. Depois de severo exame entendeu o governo desse paiz que, achando-se na cidade do Rio de

Janeiro as devassas originaes e a maior parte dos réos, deviam aqui ser processados e sentenciados.

Para esse fim despachou como juiz da alçada a Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e como adjunctos revestidos com o character de desembargadores da supplicação, a Antonio Diniz da Cruz e Silva, extravagante, e Antonio Gomes Ribeiro, aggravista. Alvorçou-se o povo com a chegada da alçada. Quando parecia que tudo estava esquecido e a dextra da clemencia real vinha abrir os ferrolhos das prisões ás victimas infelizes, surgia no Rio de Janeiro a formidavel alçada com poderes discricionarios.

Novos interrogatorios se fizeram, mais provas se recolheram, mais victimas iam ser sacrificadas ao canibalismo de uma justiça sedenta de sangue. Reuniram-se na quarta-feira 18 de Abril de 1872, em relação extraordinaria, os ministros da alçada, mais membros adjunctos, tendo por presidente o conde de Resende, D. Luiz José de Castro, que á 6 de Junho de 1790 recebera o bastão de vice-rei das mãos de Luiz de Vasconcellos. Encerraram-se pelas 8 horas da manhã e assim estiveram até as 2 horas da madrugada do dia seguinte. Gastaram 18 horas em lavrar o accordão, que sentenciava os réos segundo as provas mais ou menos aggravantes que cada um tinha contra si.

Levada a decisão do tribunal á presença da rainha, mandou esta por carta regia de 15 de Outubro de 1790, que fosse commutada em degredo a pena de morte para todos os conjuros, excepção feita do alferes Joaquim José da Silva Xavier, contra quem devera á risca ser executado a sentença da alçada. Em cumprimento da carta regia foi Xavier enforcado a 21 de Abril de 1792 e os demais conjurados enviados para diversos lugares.

MOREIRA PINTO.



LINGUA VERNACULA



Os primeiros habitantes da grande península Iberica, podemos affirmar-o no estado actual da sciencia, foram os bascos ou iberos.

Raça a respeito da qual versam tradições e lendas ; povo sobre cuja existencia a duvida tem dominado o espirito de pensadores e investigadores, os iberos perderam, para assim dizer, na grande collecção européa a denominação definida de sua existencia para deixarem-n'a perdida por seu cruzamento com o celta invasor, no ibero-celta.

E' assim que delles e sobre elles nenhuma affirmação especial podemos emittir além do que dizem Maury, Hovelacque e tantos outros.

Tacito, o antigo historiador latino apresenta os homens trigueiros, de cabellos annellados ; e esses mesmos caracteres são por elle referidos igualmente a uma população do sudoeste da Grã Bretanha, os Silvios, distinctos dos celto-bretões, e sem duvida de origem ibérica.

Em diversas situações da península crusaram os iberos com os celtas e desse cruzamento advem a *raça celtibera* ; e no occidente confundem-se os Lusitanos, cuja origem não pode ainda ser precisada, e dão lugar a uma raça mixta.

De seus costumes, de sua religião, nada seguramente podemos apresentar digno da critica scientifica.

Eis o que sobre a origem do basco ou ibero escreve um profundo investigador : A questão da origem dos Bascos inspirou numerosos escriptos ; mas nem por isso, em nossa opinião, está o problema elucidado ; persistimos em pensar que si o euskara foi a lingua dos antigos iberos, ou ao menos um dos dialectos de sua lingua, não está ainda demonstrado segundo as leis ethnographicas, ethnologicas e linguisticas.

Segundo antigas tradições os iberos formavam um povo que, antes da chegada das nações de lingua indo-européa, habitava toda a península iberica (Portugal e Hespanha) e occupava parte da Gallia, mais tarde denominada — Narboneza.

O primeiro povo extranho que invadiu seu territorio e com elles cohabitou foi o Phenicio; vindo posteriormente a invasão celta; que formou com aquelles habitadores a raça ibero-celta que resestiu com vigor aos conquistadores romanos, sem que todavia deixasse de ser por elle vencida e assimilada por essa absorpção militar cuja manifestação mais fundada era pela administração e pela lingua.

Depois que Roma, a denominadora do mundo antigo decahiu e perdeu-se a sanguinaria na enervação dos seus imperadores, os musulmanos irromperam da Asia e fixaram-se na Peninsula.

Tres seculos antes dos sectarios de Mahomet, os Godos, vindos do norte da Europa, porque originarios do Baltico haviam penetrado na Peninsula, e ahi não obstante uma luta nefanda e tenaz pelo arianismo em opposição ás doutrinas do Christo, impugna a sua denominação aos povos Peninsulares.

Um povo que não deve ser eliminado das recordações historicas da Peninsula; uma nação cujo poderio houvera de certo sido firmado sinão fôra vencido por uma luta longa e cruenta com o Romano é o Carthaginez.

Phenicio de origem, navegador, commerciante, e possuindo uma civilisação superior á idade em que viveu, o Carthaginez passou da Africa ás Hespanhas, e percorreu-as na maxima extensão.

Sagunto soffreu o peso de suas armas victoriosas; os Pyreneos sentiram sobre si resvalarem as machinas de guerra do exercito de Annibal.

Mas, a principal questão, aquella que mais importa á Linguistica em cousa alguma adianta pela descripção e estudo relativo aos povos invasores.

Procuramos saber com exactidão a lingua que fallavam os iberos, podemos em absoluto affirmar a existencia da lingua basca.

Ainda hoje subsiste, e como a reliquia santa de um povo tão profundamente victimado, ella vive incorrupta e inassimilada.

Bem que limitada em uma zona relativamente pequena (partindo do Golfo de Gasconha a linha de demarcação da zona basca, um pouco abaixo de Biarritz, attinge o Aden, passa ao Sudoeste de Bayona, contorneia o territorio de Bastide-Clarença, volta de novo ao rio mencionado, e, passando abaixo de Bidacho e Salvaterra, do Navarrez, approxima-se de Oloron; dirige-se ao Oeste, vai até Tardetos, donde passa ao cimo de Ania e penetra no territorio hespanhol), o basco é dividido em basco francez e basco hespanhol, sem que facto essencialmente linguistico possa justificar essa divisão que é antes firmada *apenas* sobre os caracteres

anthropologicos dos habitantes das duas zonas distinctas—a Fran-
ceza e a Peninsular.

Na Hespanha os seus limites estendem-se desde Navascuez até
Puenta la Reina, passam acima de Estella, de Victoria, chegam
ao Noroeste de Orduna, e dirigem-se para Portugal até o mar.

Para aqui transcrevemos as justas apreciações que sobre a
lingua basca ou euskariana faz um eminente mestre francez ;

« Le basque participe à la fois, par ses procédés grammaticaux,
des langues africaines, ou grojaponaises et américaines...

L'euskara porte les caractères d'une langue très primitive ;
il est d'une extrême pauvreté en radicaux ; son vocabulaire com-
prend surtout des mots composés. »

Não é lugar porém de discutirmos as condições de phonologia e
de morphologia sob que o Linguista deve estudar esse ou outro
qualquer idioma.

Mas tarde o faremos.

V. DE S.

(Continia).



VISTAS GERAES

SOBRE A HISTORIA DA MEDICINA



A antiguidade foi antithetica. Teve periodos de trevas que foram abysmos; teve periodos de luz que foram redempções.

Os primeiros chamaram-se conquistas, o que é uma hediondez; e tiveram por direito a guerra, o que é um absurdo.

Os segundos chamaram-se tambem conquistas, o que foi um triumpho, e tiveram por direito o trabalho, o que é uma sublimidade.

Uma differença: A conquista pelo braço foi um pelago de sangue transvasado de um monte de cadaveres; chamou-se Cambyses, denominou-se Cyro, denominou-se Xerxes, denominou-se Alexandre, e foi a violencia, foi a brutalidade, foi a morte, foi o terror.

A conquista pelo trabalho e o trabalho do pensamento foi a montanha miraculosa de luz erguida sobre o territorio para uma posteridade, e foi chamado Thubs, foi chamado Pythagoras, foi chamado Parmenide; e foi a doutrina, foi a brandura, foi a existencia, foi uma immortalidade.

Pericles diante de Xerxes é uma perpetuidade diante de um desmoronamento.

O primeiro chamou-se um seculo; o ultimo um rei; o athe-niense deixou um rastro luminoso; o persa um rastilho de sangue.

Mas no seculo de Pericles houve um grande vulto; a sua luz irradiou sobre o acclamado.

Esse vulto, estais ahi a dizer, foi Hippocrates.

Fazei resuscitar o quarto seculo pagão e ficareis acurvado.
Sabeis porque ?

Encontrareis Socrates que é uma victoria e um martyrio;
encontrareis Herodoto que é um eternisador; e encontrareis
Hippocrates que é a fundação da grande sciencia — a medicina.

Por seu systema creou o *Naturismo*.

Depois vieram outros; um pouco menores; mas nunca uns
pigmeus.

Fizeram systemas tambem; exemplos: o *dogmatismo* de
Thessalo; o *empirismo* de Aeron; o *methodismo* de Asclepiado de
Pruse; o *pneumatismo* de Atheneu; o *eclectismo*; o *humorismo*;
o *arabismo*.

Sobre um mesmo factó uma indefinivel diversidade !

Julgais que é uma confusão mais do que um incomprehensivel ?
Talvez.

Tendes razão para pensar assim ?

Assegurai-vos que não.

Estavam elles, os fundadores, no maximo trabalho, a criação.

Para fazel-o si fomos crente, diriamos que necessitára ser
divino.

Hoje; depois de vinte e tres seculos ainda vêdes a opposição
até o antagonismo; a diversidade até a contradicção.

E hoje, bem sabeis, ha caminho de dois seculos, o empirismo é
uma verdade porque a experimentação é uma lei.

E então ? Si fôra aquella edade uma confusão nem por isso
deixara de produzir algum bem, — a verdade a meio descoberta.

Ides ver de perto o que é o *naturismo* ou *hippocratismo*.

∴

O velho de Cós determinou para base do seu systema um factó,
ainda hoje aceito — a natureza medicatriz.

Ides comprehender. Imaginai uma força innominada, pene-
trando plena em toda a economia; regendo todos os phenomenos
physiologicos ou pathologicos, molestia... e a essa força regedora
chamai o *naturismo*.

Mas essa força, que talvez julgastes unica, é a resultante de
outras muitas actuando, e reagindo umas ás outras; e nesse
actuar, nesse reagir sempre a immutabilidade das leis physicas.

Coordenai idéas; procurai as comparações.

Para fazel-o descei com o sensorio, que é a percepção, descei
com a intelligencia que é a observação, aos factos de vós mesmo.

Perguntai-vos porque circula o nosso sangue ?

Indagai-vos porque contrahe-se e dilatá-se o vosso coração.

Respondestes. Mas porque se deu nesse orgão essa contracção
que chamais *systole*; essa *dilatação* que appellidais *diastole*.

Caminhais a pesquisa á fibra muscular? Ides em busca do elemento?... Podeis descer ou subir; divagar ou raciocinar; mas haveis de achar para a *systole* e para a *diastole* cardiaca; haveis de achar para a contractilidade arterial, para a elasticidade das veias, para a sensibilidade nervosa, para as acções funcçionaes dos vossos centros nervosos; para as faculdades do vosso cerebro uma causalidade.

Sabeis qual é. A força.

Variavel de condições; mas invariavel de essencia.

Aproveitai-vos das condições e conclui pela complexidade.

Firmai-vos na synthese e concluireis pela unidade; pelo elemento.

Acima deste elemento o que está? Um principio — a *natureza*.

Mas o que é a natureza.

Os seculos, que traduzem trabalhos estrondosos, ainda não disseram tudo...

Mas achais duvida em aceitar o naturismo? Não.

Pois vereis que fizestes bem.

Porque... depois vos diremos.

Rio, Agosto de 1878.

V. DE S.



SCIENCIAS NATURAES

EUCALYPTUS GLOBULUS



Por menos que se considere neste paiz as vantagens colhidas com a acclimação do *Eucalyptus Globulus* : o espirito de observação calmo e reflectido, encontra neste facto um acontecimento que assoberba ás vistas do mais atilado e progressista economista.

Na verdade, poucos tem sido os vegetaes importados, que por sua importancia tenham merecido tanto a attenção dos naturalistas e neste diminuto numero está o *Eucalyptus globulus*.

Realmente o seu franco e rapido desenvolvimento attingindo proporções gigantescas, sem contrastar como de ordinario com a duração e resistencia de sua madeira, já é uma qualidade excepcional neste vegetal de bastante valia ; a germinação de sua semente em qualquer solo e mesmo, sob a acção de qualquer clima menos exigente; as suas propriedades therapeuticas, o seu valor industrial e a sua importancia agricola, fazem com que se possa auferir uma somma consideravel de beneficios em prol das necessidades que nos suplantão.

Avaliando, entretanto, que não é sem proveito que façamos alguns estudos sobre este vegetal, vamos excitar a curiosidade scientifica no nobre empenho de ter este trabalho mais largo desenvolvimento.

Caracteres especificos.— Segundo as descripções do Dr. Ferd Muller, o *Eucalyptus globulus* pertence á familia das myrtaceas, as folhas quando novas são cordiformes, oppostas ; as outras quando velhas são alternas, com peciolos longos ou médios, coria-

ceas, uni-coloridas, um pouco luzidias, agudas e muitas vezes ligeiramente fusiformes ou lanceoladas, mucronadas, e com as nervuras salientes coroadas e ramificadas para os bordos.

Flores axillares, germinadas ou ternadas, ora sessis, ora com pedunculo curto e largo, e as vezes longo; botões verrugosos, enrugados ou quasi lisos, duplamente operenlados, sendo o operculo exterior menor.

Tubeo calicinal ordinariamente é hemispherico ou pyramidal, turbinado, anguloso, quasi tão longo como o operculo interior que é deprimido e hemispherico, plano e levemente clype-forme para o centro.

Filetes estamniferos e longos, antheras quasi ovaes.

Fructos hemisphericos ou deprimidos turbinados, quadri-sex e raras vezes triloculares com o bordo do vertice largo, deprimido ou um pouco convexo, vertice da capsula proeminente, um pouco convexo, volvas deltoides, sementes sem azas.

Acção physiologica e therapeutica.—Cabe ao professor Gubler a gloria de ter desenvolvido, em uma memoria que publicou, as propriedades mais importantes do *Eucalyptus globulus*.

E' assim que foram feitas numerosas experiencias para certificar-se em grande escala das propriedades febrifugas desta planta, que na propria peninsula *iberica* recebeu o nome popular de *arvore da febre*.

« Mr. Cloez achou nas folhas do *Eucalyptus* uma essencia oxyda que designou sob o nome de *Eucalyptol* e cuja formula é : $C^{10} H^{20} O^2$ por 4 volumes de vapor, uma densidade de 0,905 fervendo entre 170 e 175 grãos centigrados e mais ou menos soluvel no alcool, no ether, nos oleos fixos e volateis.

O *Eucalyptus* possui um forte cheiro aromatico, fragrante, agradavel e especial, approximando-se ao da camphora e do alecrim.

Seu sabor é acre, amargo, não isento de um certo grão de acidez no esophago quando demorado e de uma sensação de frio.

A dóse forte dá lugar a um sabor um pouco quente que se propaga ao esophago, quando demorado, produzindo assim uma hyper-secreção da mucosa bocal das glandulas salivares.

O estomago recebe a mesma impressão de calor. Com duas doses exageradas (2 a 4 grammas e ainda mais) apparece um peso no epigastro com eructações odoriferas e a digestão se perturba ou se torna laboriosa.

A esta fórma dyspepsica succede algumas vezes uma diarrhêa apresentando como as eructações o cheiro do *Eucalyptus*.

Com doses médias (1 a 2 grammas) a tolerancia é a regra, e em todo o caso o habito se estabelece facilmente.

As doses fortes causam algumas vezes cephalalgia conges-

tiva, excitação geral, e uma notavel tendencia á locomoção e quasi sempre seguida de uma febre ephemera.

Os movimentos respiratorios são accelerados, a sêde é viva, os individuos experimentão um mal estar e tem insomnia.

O contrario tem lugar nos anemicos; o *Eucalyptus* os faz dormir. Todos estes symptomas durão pouco, é raro que persistão além de algumas horas.

Respirando-se em grande quantidade n'um pequeno espaço, os vapores da essencia do *Eucalyptus* determinão phenomenos de intoxicacão, comparaveis áquelles, que resultão da morada n'um quarto recentemente pintado havendo essencia de terebenthina; ou n'uma alcova onde se depositassem ramos de fôres aromaticas.

O Dr. Sicard experimentou cephalalgias muito intensas depois de ter feito sómente uma ou duas aspirações profundas desta essencia.

As folhas do *Eucalyptus* e os outros orgãos da planta, ingeridos em natureza, nos offerecem propriedades physiologicas em parte semelhantes ás que acabamos de reconhecer no *Eucalyptol*; isto se explica naturalmente pela quantidade do principio activo que possuem.

MM. Gubler e Carlotti observarão entretanto que fortes dôses de folhas de *Eucalyptus* são mais toleradas nas primeiras vezes que uma porção correspondente de essencia livre.

O *Eucalyptus globulus* constitue na Australia e nas terras circumvizinhas o remedio popular contra as febres; além disso quasi todos os factos recentemente observados na Europa se referem ao tratamento das affecções paludosas.

Parece-nos que nas provincias de Valencia, Cadix, Sevilha e Cordova por onde a *arvore da febre* está muito espalhada, o successo é regra geral não influindo a excepção. E' sobretudo nos casos rebeldes ao quinino e aos outros febrifugos, diz Malingue, que as folhas do *Eucalyptus globulus* produzem resultados maravilhosos e verdadeiramente incriveis. Vi, diz elle, pessoas atacadas de febres intermitentes, depois de muitos annos, sua vida parecia ameaçada, entretanto graças a este tratamento, recuperarão todas as apparencias de saude, força e vigor. »

M. Gubler emite a hypothese que a essencia do *Eucalyptus* contribue para se sustentar a economia n'um estado de excitação conveniente, servindo para paralyzar ou destruir a actividade da causa pathogenica de origem animal ou vegetal.

O *Eucalyptus* é empregado geralmente nas affecções das vias respiratorias, e M. Gubler o considera acima de tudo como agente de medicação anticatharral.

Os diferentes modos de administração do *Eucalyptus globulus*

e as diversas preparações therapeuticas que são capazes de fornecer bons resultados são as seguintes :

1.^a—As folhas em pó que sobrepujão todas as outras fórmias pharmaceuticas. Prescreve-se na dóse de 4, 8, 12 e mesmo a 16 grammas por dia.

2.^a—Infusão e o cosimento das folhas em doses mui variaveis. M. Gubler recommenda que se ferva em pouco tempo, afim de não perder-se muito a essencia.

3.^a—Agua distillada das folhas é mui agradavel e póde servir de vehiculo para as poções estimulantes.

4.^a—Maceração aquosa da essencia que gosa quasi das mesmas propriedades.

5.^a—Extracto aquoso que é aconselhado por M. Carlotti para prevenir as recahidas das febres intermittentes.

6.^a—Extracto alcoolico, tintura alcoolica e alcool.

7.^a—Eucalyptol, que se administra na dóse de algumas gottas ou de algumas grammas, seja em pilulas ou em capsulas.

8.^a—As exhalções do Eucalyptol ou essencia de Encalyptus.

Taes são os elementos therapeuticos que por ora não se achão de todo escoimados de contestações e que só a physiologia e a chimica poderão estabelecendo principios dar á therapeutica as consequencias de sua vitalidade.

FRANKLIN DE LIMA.



COLLECTIVIDADE DE FORÇAS



E' moda affirmar-se que estamos em uma epoca de transição, pretendendo-se com isto justificar a desordem mental da nossa sociedade.

Desconhecemos os fundamentos da desculpa. O periodo historico em que somos comparsas ou protogonistas só se differencia dos anteriores quanto aos dados do progresso. Todos os seculos são phases de transformação ; o actual, como os outros, apresenta um aspecto confuso, porque nelle opera-se a ruina das velhas idéas e a genese e propaganda das novas, acção constante do pensamento humano. Assim como o organismo do individuo não repousa antes de chegar a certo grau de duração, a intelligencia move-se em actividade inquieta e mover-se-ha sempre. A suppôr-se uma actualidade anormal, hade se admittir um futuro de completa quietação em que cessem todas as aspirações no homem, o que será absurdo. Essas renovações moraes são o trabalho eterno da civilização e jamais se obterá a perfeita estabilidade das instituições que a sociologia suggere. A reforma executada hontem, é aperfeiçoada hoje e substituida amanhã. Cada seculo depura o antecedente e prepara o seguinte.

O que observamos actualmente é o mesmo, alteradas as circumstancias, que se tem dado em todos os tempos ; mas não serve este motivo para explicar a anarchia dos espiritos. A idéa falsa de que tudo presentemente é dubio e transitorio tem acoroçoado a inercia e favorecido a passividade intellectual. Formou-se como que uma camada atmospherica de fatalismo, mais proxima do pensamento moderno. E' commum ouvir-se pregar a desnecessidade de esforços em prol de um principio justo, porque, allega-se, os acontecimentos virão por si ; portanto, espere-se.

Faz-se alarde de fraqueza, patenteando-a como um facto muito natural. Passou-se uma especie de senha tristemente conscia—*transigir*. Suspenderam-se as garantias da honra; a convicção, a consciencia tornaram-se obstaculos importunos.

Ora, tudo isto é consequencia da luta que o seculo XIX travou com o passado? Ninguem o provará. Na hora do combate, os soldados que se dispersam e vacillam! Pois então para que uma nova doutrina se consolide, é preciso, é incontestavel projectar sobre os espiritos a sombra de cavilações indecorosas e a indolencia apathica e enervadora?

A esse vicio porém não resistem talentos cuja tempera parecia robustissima. A confusão das noções do bem apresenta tristes exemplos em todos os actos da vida social.

Aqui no Rio de Janeiro as redacções dos jornaes contão, quasi todos grande numero de republicanos e dos mais convictos, quer nacionaes quer estrangeiros; cada um delles julga-se, o mais sinceramente possivel, o unico possuidor da verdade dessa doutrina politica; no entanto, todos elles servem com a penna e com a palavra a causa mais opposta ao progresso da democracia, que é a neutralidade da imprensa em questões de organização social.

As exterioridades em religião bastão; mas quasi todos os individuos irritão-se si forem averbados de hypocritas, ao mesmo tempo que ficarão desgostosos si os chamarem devotos.

Esse phenomeno manifesta-se de modo ainda mais desolador nas lettras. O gosto, a razão do genio, segundo V. Hugo, ausentou-se das imaginações jovens; a logica não preside á critica; a deshonestidade decide e occasiona os successos. Exceptuando o theatro, monopolizado na actualidade pelas producções da arte dramatica européa, os demais ramos da litteratura tem encontrado no Brasil quem os comprehenda e sirva. Entretanto percebe-se facilmente que o talento brasileiro tão rico e vigoroso, tão espontaneo e precoce, fluctua á mercê de correntes oppostas. Falta inspiração aos poetas?

Não, por certo; mas afigura-se-lhes que de nada vale um esforço laborioso, quando o *que tiver de vir hade vir...*

Uma nova escola poetica appareceu ultimamente debaixo dos melhores agouros. Mas o que temos visto? Imitando e subscrivendo tudo quanto lê, os modernos poetas só applicão as suas obras, justamente aquillo que a sciencia moderna (da qual a nova poesia é filha) procura refrear a imaginação. Comprehendem que para o triumpho seguro do realismo não basta o fascinante elemento que constitue o fundo das composições litterarias antecedentes; que o estudo, a reflexão e a analyse physiologica são condições indispensaveis para a boa propagação dos principios artisticos de que são adeptos; preferem, porém, a ociosidade, o traba-

lho futil e de pequeno alento, isto quando tem a lutar com as tradições romanticas de autores da ordem de Alencar, G. Dias, Macedo, Bernardo Guimarães, Varella, Castro Alves e Juvenal Galeno.

No campo adverso ao dos revolucionarios das lettras reina a mesma incoherencia de principios e actos.

Evidencia-se que o enthusiasmo pelo progresso da intelligencia e aptidão para o trabalho não falta aos nossos talentos. O conhecimento exacto do dever é que forma a lacuna sensível na educação nacional e d'ahi provém todos os outros males.

Criminão pois infinitamente o seculo.

Ora, o vicio de educação que assigná-lamos pode ser corrigido ; querendo, o homem vencer-se a si proprio. Mas para que a vontade se fortifique e sua influencia mais duradoura se torne, convém empregar um factor externo. Qual será? A autoridade individual é tão incompetente nesta como nas questões politicas ; a direcção exercida por um só não é nobre nem util. Mas o que um só não pode fazer em relação a muitos, podem todos fazer em relação a cada um. Desde que as forças se congreguem, a disciplina apparecerá, o estímulo e o incentivo produzirão suas naturaes consequencias.

Na America o principio da associação é imprescindível. De envolta com proveitosas lições, a Europa produz elementos dissolventes, em extremo perigosos para as nações novas e que difficilmente se acclimatarão si passarem pelo exame e analyse de homens observadores e atilados. Parcialmente, esta critica é meus provavel. Aceitar tudo quanto nos vem da outra plaga atlantica, com submissão de colono e reconhecimento de pupilo é cousa que humilha e desaira. Si os espiritos verdadeiramente livres se unirem e fortalecerem pela communhão de idéas e intuitos, a tarefa de escoimar o mau do bom, e incitar o original, é facil e gloriosa. Percebe-se que se deve por todos os modos procurar fazer com que um povo pense por si.

As instituições litterarias ou scientificas do Brasil têm na sua quasi totalidade character official ; as que se formaram por esforço particular em geral pouco ou difficilmente vivem. Para estas ou para outras que organisem devem affluir os homens de lettras, os moços que vão ganhando influencia e que são exactamente os que se conservão isoladas.

Somente por esse meio poder-se-ha conseguir dar ás manifestações do talento nacional uma direcção condigna ; o ensino mutuo, applicado por esta forma, virá corrigir todos os defeitos que nellas se notão. Conservando-se segregados, indifferentes á sorte commum, sem buscarem na collectividade os recursos que faltão aos individuos, os nossos mais esperançosos escriptores verão os

subsídios do edificio da litteratura patria desorganisarem-se vergonhosamente.

Haverá alguma causa para este isolamento? alguma razão poderosa que o determine?

Por muito tempo acreditou-se que não soffriam homens de reputação feita o contacto de estreitantes e aprendizes, e por isso não são vistos misturados aos reconhecidos e obscuros que fundarão pequenos nucleos de discussão e estudo. Ultimamente esta opinião robusteceu-se. As notabilidades litterarias do Brasil tomarão um dia (luctuoso dia!) solemne compromisso. Em redor do tumulo de Alencar combinaram instituir uma associação em cujo seio se avigorassem as grandes aspirações das letras brasileiras. Houve muito quem se enthusiasmasse com a noticia e tivesse a ingenuidade de esperar a realisação da promessa feita ao povo por tal modo. A menos que não se quizesse macular com uma *patacoada* insulsa a lugubre influencia daquelle dia de consternação nacional, suppunha-se, a memoria do grandioso athleta ficaria consagrada de maneira duplamente honrosa.

Não parecia razoavel a confiança?

Pois são passados dez mezes... e naturalmente estão a espera da acquiescencia de S. M. e da perspectiva de uma subvenção para o projectado instituto, o que é uma hypothese ainda muito lisongeira.

A mocidade não deve deixar-se contaminar por tal exemplo.

Para resistir ao esphacelamento dos caracteres, para se ostentar forte e sympathica, hade sujeitar a intelligencia ao trabalho, o trabalho á convicção. Emquanto não comprehender as vantagens da associação, emquanto tiver dispersas e debeis suas forças creadoras, será uma contrariedade erguida á evolução do movimento civilizador no Brasil.

LUIZ LEITÃO.



BIBLIOGRAPHIA

THEOPHILO DIAS. — CANTOS TROPICAES

Na nova phase em que modernamente entrou a litteratura, parece que a velha poesia sentimental e romantica, tendo cumprido a sua missão, cederia o lugar á poesia moderna que tenta audaciosamente resolver os mais intrincados problemas sociaes.

A poesia subjectiva que se envolve nas nuvens do ideal, e voluntariamente deixa de ver o mundo para só cantar a mulher adorada, não tem mais razão de ser ; só póde ser apreciada quando á força de talento e de inspiração o poeta se eleve tanto que faça do velho cadaver romantico, não um ser animado, o que é impossivel, mas uma bellissima estatua.

Foi isso o que obteve o já vantajosamente conhecido poeta Theophilo Dias nos seus *Cantos tropicaes*.

O talentoso sobrinho de Gonçalves Dias faria acreditar que o dom da poesia transmite-se como uma herança.

No seu mimoso livro ha poesias em que o poeta chegou á mais alta expressão do lyrismo ; inspiração, imagens, metrificacão, é tudo magnifico.

Para dar uma idéa das bellezas desse livro. queremos citar alguma cousa, temos porém o embaraço da escolha ; transcreveremos apenas as seguintes estrophes da poesia *Teu nome*, nas quaes se acham todas as qualidades do poeta :

Vive meu ser da poesia
Que o teu nome lhe traduz,
E pensa, no enlevo sancto,
Que é — ou luz que se fez canto,
Ou canto que se fez luz!

Eu creio até que uma fada
Da aurora um raio colheu,
Que inda mimoso tremia
A's vibrações da harmonia
Cahidas de harpas do céu.

E no aroma que das flores
Desprende-se — o raio ungiu,
E assim luz, perfume e canto,
Por magia ou por encanto,
No teu nome resumiu.

— Além d'essa poesia temos outras que têm bellezas de primeira ordem, como sejam: *Quando fores ao baile, Poeira e Lama, O deserto, O baptismo de fogo, A liberdade, Gethsemani, A poesia moderna*, e tantas outras que teríamos de citar todo o volume.

Encontra-se no seu livro além das bellas poesias originaes, traducções magnificas de Longfellow, Uhland, Moore, Beaudelaire, etc., que fazem mentir o dicto italiano — *traductore, traduttore*; quereríamos fazer a esse respeito um reparo ao autor, que é bastante rico de inspiração para não necessitar ir procurar a alheia, mas a correccção e o mimo da traducção desarmam-nos.

Th. Dias felizmente para as lettras patrias, parece que tende a abandonar a poesia subjectiva para lançar-se na moderna litteratura; assim se depreheende de algumas poesias suas, em que procura ver mais alguma cousa do que o ideal.

Na *Poesia moderna*, offerecida a Pompilio de Albuquerque, (um dos loucos sublimes, que procurava o ideal da fraternidade humana e que tropeçou na tumba,) o poeta diz á musa moderna:

... és hoje a grande luz da tempestade invicta!
De cada consciencia entraste nos arcanos,
E o militar venal e o ignobil jesuita
Ameaçam-te em vão com o sceptro dos tyrannos!
E's a deusa viril da Illiada sagrada:
E's o raio da paz com brados de trovão!
Empunhas da justiça a lança immaculada;
E's o escudo da Razão!

para nós este canto é significativo e temos a doce esperança, de muito breve ver mais este valente lutador combater audazmente nas fileiras da litteratura moderna abandonando os velhos deuses românticos e sentimentaes.

Em conclusão os *Cantos Tropicaes*, são producções que devem ser lidas por todos os amantes das lettras patrias, não só por serem a manifestação de um espirito eminentemente poetico, como por marcarem o periodo de transição de um dos mais originaes talentos da moderna geração.

A Theophilo Dias, daremos um conselho; que é fugir dos extremos, isto é, do *romantismo*, levado ao seu auge, e principal-

mente d'esse *realismo* que por ahi anda aos pontapés, e que não passa do velho lyrismo, rejuvenescido com meia duzia de esdruxulos, e quatro palavras obscenas; dir-lhe-hemos que a querer filiar-se a alguma escola seja essa a do Humanismo, que segundo a define o talentoso poeta portuguez Gomes Leal, « é a que comprehendendo o homem com todas as suas paixões e as suas virtudes, nem deprimindo-o scepticamente nem fazendo-o perder chimericamente nos astros hade estabelecer o verdadeiro equilibrio entre o *ideal* e o *real*. »



HORAS VAGAS

(PERFIS)

Soitemos a imaginação á outros mundos, e vamos ou dormir no passado ou sonhar com o futuro. Que valem essas passageiras illusões de uma festa de moços e moças, si o coração nem sempre goza aquella suprema felicidade, que é a aspiração dos que amam e o nectar da embriaguez celeste dos que são amados.

A dansa, o ruido do prazer, a festa animada d'esse harmonioso alvoroço da mocidade descuidosa, tem a sua estação na vida. Depois... tudo passa, e vão-se as illusões d'esses lustros doirados da existencia fallaz, descaptivados do pensamento por uma decepção pungente, como a madeixa negra d'esses anjos feito de espuma, solta nos vaes-vens de uma walsa delirante, que afrouxa na sua vertigem os rolos crespos, os dependura ao longo das espaldas, e atira ao longe o grampo que as prendia tão bellas e artisticas, como bellas e artisticas são as phantasias com que se entra a primeira vez n'um baile.

Depois... guardam-se os despojos que se encontram na passagem da diva, como objectos de uma supersticiosa veneração de illusões perdidas, que não revivem, mas que se não insultam.

Vamos, pois, viver antes do passado, n'aquella idade de ouro do mundo. O futuro é uma terrivel miragem ; cansa, illude e foge como a verdadeira felicidade, que é sempre um ponto além do horizonte que se alcança. E o passado... é a saudade com todas as suas melancolicas e doces recordações, onde tudo é

terno como as notas da harpa de David, sublime como a prece da alma embevecida no infinito, que é o proprio Deus.

..

Estamos na Grecia, em pleno seculo de Pericles. O ar é puro, a natureza serena, o céu de anil irreprehensivel, a terra de harmonias cadentes; os homens uma geração de heróes e de artistas, as mulheres um mundo á parte de belleza, feitas de contornos admiraveis pelos deuses, para modelos, e conservadas para inspiração dos canticos de Orpheu, ou dos poetas que celebram as victorias da patria.

A mocidade atheniense parecia delirante de prazer, á espera da estação dos jogos, contando os poucos dias que faltavam para as olympiadas, em que deviam ter lugar as festas celebradas em honra á Jupiter. Não havia um só coração que não estremecesse com essas festas grandiosas, em que os homens revelavam aos deuses sua immensa dexteridade nos exercicios e nos lances do heroismo guerreiro.

No meio porém d'essa mocidade ebria do licor das festas de Jupiter, um coração havia que tinha a tristeza n'alma, e a vida sem o ardor que o céu formoso da Grecia infiltra nas veias.

Em vez de fazer caminho para a Elida, onde deviam ter lugar os jogos, deixou o ruido dos grupos, e passeava melancolico e em desespero á beira do Ilissos, cujas agoas corriam moles, suaves e sentidas como uma queixa da natureza.

..

Jasson era o moço que passeava assim annuviado de tristeza, quando a Grecia regorgitava de festas. Sua profunda meditação, que parecia transportal-o á alguma desventura do passado, não o deixava ver uma grega gentil, que se approximára.

— Quando a Grecia sorri, é vergonhoso á um mancebo em-mudecer, disse essa visão subita, em voz tão doce como a mais melodiosa nota da lyra de Amphion.

— Deuses do Olympo, exclamou Jasson, sois acaso alguma Nayade, que sahindo das profundidades do Ilissos, vindes augmentar ou extinguir minha desgraça ?

— Vós, tão moço, guerreiro, ferido pelos deuses ?

— Os deuses !... dizei antes por Venus, sómente.

— E póde acaso o amor na terra ser uma desventura tão grande ?

— Céus, que escuto ! O amor é toda nossa existencia. E vós, tão bella, que me pareceis antes Andromede disputando a formosura de Juno, não conheceis a setta do amor ?

— Não.

E a linda grega abaixou a vista para occultar uma lagrima, que encheu de brilho duplo o céu de seus olhos.

— Mas quem sois vós tão perfeita e tão sublime n'essa melancolia, que tambem vos annuvia agora as faces de jaspe, coloridas pelas purpuras do sol?

— Eu ?...

— Sim, quem sois ?

— Eu... sou uma escrava ou um mysterio.

— Vós ? Uma escrava ou um mysterio ?

— Dir-vos-hei apenas meu nome—Alcida.

— E quem vos possui ?

— O vosso amor, o encanto d'essa mocidade já tão murcha, como se o sol da Persia a tivesse crestado.

— Oh graças rendo aos deuses ! Sois sem duvida aquelle ser angelico, que me sorriu tão lindo, quando um dia adormeci na embriaguez dos perfumes da ambrosia ?

— Quem sabe se o vosso fatal destino á isso não vos conduz ?...

— E' impossivel ! Do seio d'estas agoas, vós só vireis para suavisar-me as amarguras do coração. Mas si eu não tenho de encontrar em vós a visão formosa que me faz entristecer quando a Grecia se muda para Elida, então irei n'este instante á Delphos, consultar os oraculos de Apollo, sobre o mysterio que sois ou pareceis ser.

— E' inutil.

— Mas é impossivel que eu vos veja fugir, quando apparecestes para tornar-me n'esta olympiada o mais bravo dos guerreiros. Por vós, que eu amava na solidão de meu peito, na terrivel escuridão das incertezas, no ancisar febril de meus desejos, eu caminhei como os navegantes da Asia quando se passam de umas para as outras Cyclades, até chegarem ao termo da sua romagem.

— Mas como me amais sem que me tivesses jamais conhecido ?

— Por que eu vos amava em sonho, adorava a imagem casta de Venus n'uma figura alva como a lua, ou como as espumas do mar hellenico, e que era toda a embriaguez de meus eternos sonhares.

— Pois bem. Acompanhai-me. Em vez de irdes á Delphos, iremos juntos ao Parthenon.

— Ao Parthenon ? !

— Sim ! Lá eu vos direi todo o mysterio da minha existencia, quem sou, como me deveis comprehender e o que tendes á amar.

..

Seguiam ambos as ruas extensas de Athenas, e os grupos agglomerados nas praças nem reparavam n'esse par solitario, que se destacava das festas olympicas,— tão estrondosas sempre, o que congregava na Elida toda a Grecia.

Jasson entrou no Parthenon, n'essa maravilha de Phidias, e não podia comprehender o que Alcida tencionava dizer-lhe na visita mysteriosa ao templo das artes. O coração batia-lhe agitado de esperanças e de duvidas crueis.

Alcida caminhou com Jasson para ao pé de uma grande maravilha. Era a estatua de Minerva, sublime concepção do genio de Phidias.

- Sabeis o que representa esta figura admiravel?
- Uma mulher formosissima como vós.
- A verdadeira belleza traz a idéa da adoração.
- E a adoração aos deuses é feita de joelhos, accrescentou elle.

..

Jasson ajoelhou, contemplando o modelo admiravel do cinzel de Phidias na esculptura sublime de Minerva. A perfeição suprema de sua cabeça coroada de louros, a harmonia, a graça, o encanto, a vida, a poesia de seus traços, a voluptuosa arte que presidiu á regularidade de todas as suas fórmas, tudo indicava a sinceridade do culto divino, que elle, prostrado, consagrava ao modelo ideal da mulher.

Erguei-vos agora, lhe disse Alcida. Ao clarão d'aquella alampada de alabastro, que pende d'aquelle capitel de marmore de Paros, contemplai mais de perto esta imagem divina. Fitai-lhe os olhos, não se movem?

- Mais do que isso; me obrigam á evital-os.
- Não balouça n'aquelles labios um sorriso doce como a frescura que o Zephyro nos envia?
- Mais do que isso; n'aquelles labios estremece a alma de uma mulher grega e apaixonada.
- Não vos parece que alli, dentro d'aquelle peito arqueado, existem desejos, promessas e amor?
- Alli existe uma alma que enlouqueceria a Grecia inteira.
- Pois bem, lhe disse Alcida, dai-me a vossa mão, subamos os degrãos do throno d'essa deusa da formosura e da sciencia humanas, encostai o vosso ouvido sobre o lado do coração. Demorai-vos um pouco e dizei-me qual a vossa primeira impressão.

Houve uma pequena pausa.

- Sinto um frio de morte.
- E que mais? Não ouvis bater como as ondas no rochedo, essa alma que ha pouco vieis em transparencia tão cheia de paixões?

Jasson applicou cada vez mais o ouvido, comprimindo com a mão as espadas da estatua para tornal-as mais adherentes, como se o marmore fosse carne.

- Nada absolutamente. Aqui nada vive; só existe n'este ambito

a solidão absoluta ; nada responde ao anciar de meu peito ; nada me tira d'esta exaltação, que está prestes á enlouquecer-me: Alcida o que significa isso, que mysterio é este ?

— Esse silencio significa o que eu sou, esse mysterio o que as mulheres todas da Grecia o são. Mocidade e encanto nos olhos e nas faces, seducção nos gestos e nas fallas, no coração o deserto, n'alma a indiferença e a morte. Somos todas estatuas de marmore !

Alcida deixou Jasson petrificado ao pé da estatua de Minerva, e sumiu-se por entre as galerias do Parthenon, para nunca mais tornar á ser vista.

São passados muitos seculos, depois dessa scena symbolica, que retracta ao vivo as paixões do coração humano.

Triste, com a alma cavada de decepções e as minhas illusões envolvidas no longo sudario da morte, tinha entretanto fé na resurreição do passado, se acaso deparasse com o ideal de mulher que eu erguera com os caprichos da imaginação, como um artista grego com o seu cinzel, nas noites longas de saudade e de aspirações indefinidas e indefiniveis.

Achei-me um dia n'um baile, ao pé de uma mulher bella como esse ideal ; sublime nas formas, no todo artistico de sua figura gentilissima, como os mais esmerados moldes de Phidias ou Praxiteles. Era uma mulher não de paixão, mas de inspiração ; em vez de uma poesia de Homero, uma melodia de Orpheu ; em vez de uma creatura, uma visão ; em vez de um objecto de amor, um symbolo de culto ; em vez de uma esperança, uma aspiração ou uma saudade ; nada da terra. . . tudo das nuvens, do céu, do infinito e de Deus !...

A orchestra rompeu uma musica delirante : era uma walsa terrivel, capaz de apaixonar ou enlouquecer. Tive febre n'alma para esvoaçar no espaço, preso á aza desse voluptuoso cysne branco.

Pedir... conseguir... e cingir essa cintura flexivel, sentir sobre meu hombro o peso de sua cabeça estatuaria, beber nas aspirações soffregas da vertigem o ar que ella perfumava com seu halito de rosas, foi o resultado de um instante rapido, como a doidice de minha paixão.

A musica tornou-se um dilirio, e eu, arrebatado na aza do cysne, senti que o rapido volteio em torno da sala, era como um espiral, que me conduzia até o céu.

A musica parou repentinamente, e de meus braços cahio desfallecida sobre o macio colchão de um divan ottomano a candida visão de meu louco affecto. Sustive-a por um instante nessa sublime e terrivel situação, em que veio-me a lembrança que esse desmaio do louco tor-

velinho, não era a vertigem da walsa, mas a vertigem do amor subito como um raio, que nasce das alturas de Deus, e illumina ao mesmo tempo duas existencias desencontradas até então.

Achego-me á ella, escuto-lhe o coração e comprimo-lhe o peito. Ella tinha a fronte illuminada da luz que reverberava dos chrystaes da sala, ergueu as palpebras morbidas e convulsas, e por entre a franja negra que lhe cinge os olhos, coava-se uns tons de luz indecisa e voluptuosa.

— Cansei apenas, disse ella, trazendo aos labios seccos a expressão fria de uma alma indifferente como a natureza em repouzo.

E desapareceu na vasta galeria onde se recebia a impressão do ar tepido da noite, embalsamado pelas magnolias do jardim.

Um velho, pallido e pensativo, que seguira os meus movimentos, chega-se á mim, chama-me á vida, e disse-me em tom solemne, como se fôra uma apparição d'além tumulo, que me fallasse :

— Na Grecia, no tempo do Pericles, a mulher era uma estatua de marmore. Nos tempos que correm, em que a vida inteira se resume n'um baile de illusões que passam, de ironias que perduram, a mulher é uma estatua de carne!

J. A.



CHRONICA

Um *touriste* de profissão, philosopho em horas vagas, homem de muito conceito visto que não alimenta preconceito algum no espirito, assistia ha dias a uma grande discussão politica-social-historica-litteraria em um dos nossos botequins.

E a proposito, fez elle as seguintes observações picantes, agudas, saturadas de sal e pimenta :

— Dois allemães que discutem sobre uma these qualquer hão de necessariamente chegar á um accôrdo, muito embora gastem um anuo em arrasoados nebulosos que mais a mais embrulham o assumpto.

Dois francezes estão á brigar passados cinco minutos, durante os quaes só se ouve — tiens, attendez, mais voyez donc, morbleu, parbleu, sacrebleu, allez-vous-en au diable ! etc., etc.

Dois hespanhóes, ao azedar-se um pouco o debate, cortam-no com dois — *caramba* !... que fazem tremer a terra e latirem os cães.

Dois subditos de S. M. Britanica articulam uma grande quantidade de *yes* e de *no*, consultam os relogios, e quando chega a hora marcada para darem fim á discussão retiram-se tezos, calmos, sem olhar para traz, cada qual com a sua opinião exactamente como antes.

Finalmente (é o philosopho supracitado quem falla) os brasileiros quando cahem em uma discussão, fazem uma algazarra infernal recheiada de— é boa, ora adeus, escuta, deixe-me fallar, Zé ! não interrompa o orador, etc., etc. ; e quando se espera ver sahir d'alli a luz, vê-se mas é uma grande thesoura...

Um ouvinte, brasileiro da gemma, estomagou-se com esse juizo deprimente do nosso caracter e n'um accesso de patriotismo contestou valentemente a asserção do humorista.

Esse só fez foi apontar para o grupo fronteiro, que após grandes discursos sobre elevadas questões tratavam agora de escalar as reputações mais respeitaveis.

Pegou com a bocca na botija.

..

N'essa nossa palestra ninguem verá thesoura, em que pese á moda dos litteratos de paeotilha, illustres confrades,

Mas... quando o ridiculo exorbitar... quando a indignação juvenalesca invadir-nos...

Ora ouçam só e depois fallem.

Correu pelos jornaes a noticia de ter o grande mestre soffrido ultimamente um desarranjo mental.

Foi uma simples superexcitação nervosa, que não ha admirar em o maior cerebro dos tempos modernos, no qual concentra-se o pensamento de tres gerações litterarias, no qual reflecte-se o pensamento do seculo como n'um prisma encantado, onde a luz da verdade toma todas as côres do céu, todos os perfumes da poesia e todas as harmonias da arte

Os zoilos não são raros, mas só despejam a bilis por trás das portas.

Mas um dos taes apresentou-se francamente e por isso merece ser publicamente fustigado. Estava elle n'um logar publico, quando lhe leram a noticia cheia de condolencias a respeito do poeta. Era de vêr-se e ar magistral, importante, seguro com que o *cujo* exclamou:— O progresso lucra muito com o sumiço do tal Hugo... Que vá para o Hospicio, que é o lugar dos malucos... já lá devia achar-se ha muito...; não tem que ver, poeta... escapou de pateta—é doido.»

Mixto curioso de basofia, necidade e provervia, figura prud'hommesca degenerada, com o sangue de Sancho Pança nas veias (o Pança é seductor de mulheres casadas, sabem?) o individuo de que tratamos é um curioso specimen em seu genero.

Mas... ah! Pança de uma figa! que se o garoto Gavroche te pilha de geito quando despejavas aquellas sandices... ah! que se o garoto immortal te visse insultar assim o seu sublime creador!... Gavroche havia de provar-te em como o grande mestre, mesmo louco, contém ainda juizo superior ao quadrado da somma dos juizos ou, alterando a ordem dos factores, á somma dos juizos quadrados de toda a tua geração orelhuda.

E se recalcitrasses, ahí estaria a malta hugoana para te mantear á guiza de peteca; só te deixariam tranquillo quando te resolveses a berrar 10 vezes—viva, viva, viva o grande propheta! viva V. Hugo!... Seria um quadro para fazer B. Pinheiro distillar todos seus humores comicos.

..

Cahio-nos a palavra — propheta — A' proposito. Cantava-se o *Propheta* no D. Pedro II. E' bom avisar que nunca nos passou pela idéa fazer critica musical e isso por dois motivos: 1º porque ignoramos absolutamente o que seja uma semifusa; em 2º logar porque macaco ladino não mette mão em combuca. Já estavamos preparadinhosinhos da silva para escarrapichar aqui aquelle bello estudo do Scudo sobre *Propheta*, já iamos mesmo mettendo a mão na combuca... oh! muito obrigado, illustre gazeteire de noticias, muito obrigado pela lembrança sublime que tivestes. Ficamos puro, honesto, probo, e mais impostor que nunca!... Aguenta-te no balanço, tu. Realmente, um christão bloqueado por 18,000 provas da sua *probidade* litteraria, 18,000 espectros de Banquo á razão de 40 rs. cada um, valha-nas Santa Barbara e S. Jeronymo e... toda a troça!...

Mas, com todos os diabos não queriamos tratar d'isso, nem á ninguem queremos molestar; já que sahio, fique, mas saibam que foi contra a vontade... e psio!...

Ia cantar-se o *Propheta*. Sentava-se ao nosso lado um sujeito, que sem duvida ia pela primeira vez ao lyrico. Tinha uma physionomia assaz ingenua e todas as bizonhices de um neophyto. Olhava mui curioso para todos os lados, e quando o maestro Bassi assumio o solio musical elle ergue-se mui espantado e perguntou-nos com uma voz assombrada e engasgada: — O que vem á ser aquillo?...

— Aquillo é o Bassi, é o regente, é o maestro, é uma pipa musical, é um grande homem:... então admira-se de não ser elle muito magro?

O individuo levou inda cinco minutos com os olhos pregados no maestro Bassi e afinal sentou-se soltando um—saprísti!... que chamou a attenção dos circums-

tantes. Subio o panno. Elle abriu o seu libretto para acompanhar o canto. Após as primeiras scenas notava-se elle movia-se impacientemente e folheava-o para tras e para diante. Afinal resolve-se á abandonal-o e chegando-se á nós pergunta-nos :

— O Sr. podia mostrar-me qual é a cantora Anna Baptista ?

— Anna Baptista ?...

— Sim, ouço tanto fallar n'essa cantora, dizem que é um portento...

— Não, aqui nunca houve tal cantora, enganaram-no certamente...

O factó é que elle tinha ouvido fallar muito em côro de anabaptistas e *duo* de anabaptistas e *trio* de anabaptistas etc... e imaginou que fosse uma cantora por nome Anna Baptista :

Estavamos rindo *por dentro* á custa do nosso visinho, quando este dirige-se de novo e pede para que lhe mostremos no libretto a scena que representava-se no palco.

E qual foi nosso espanto quando na capa do folheto vimos escripto :

— *Rigoletto*, opera em 4 actos !...

..

Uma de gastronomo.

Achava-se um apreciador ante um quadro de comestiveis, exposto na galeria Moncada á rua do Ouvidor. O quadro representava um almoço, com frango, queijo, ovos, vinho, etc.

Entra um nédio e saudavel *quidam* e põe-se tambem á contemplar.

Como conhecia o individuo que lá se achava, bate-lhe no hombro e diz-lhe : Então que tal achas aquillo ?

— Bom. O artista revela conhecimentos technicos e muito desvelo na execução...

— Mas falta alli uma saladinha..., não está bom...

— Mas ora adeus, o trabalho artistico merece elogios...

— Nada, não me serve, falta alli uma saladinha de agrião, é indispensavel...

— Porém o trabalho artistico...

— Falta alli uma saladinha... póde ser um bom artista, não me metto n'essa indagação, mas nunca será um bom mestre de cosinha... oh! uma saladinha é indispensavel...

E o impertinente lá se foi mal satisfeito. Essa pelo menos é veridica.

..

Digam o que disserem, mas o que é incontestabilissimo é que o artista Furtado Coelho não desespera de reerguer um pouco o nosso theatro, e isso após desillusões sobre desillusões. Tenta actualmente uma suprema experiencia, transigindo com as plateias domingueiras. Animação e saudações, é o que temos á dar-lhe.

Sobre theatros o que havido de mais notavel n'esses ultimos tempos é o papel do *Saltimbanco* pelo actor Antonio Pedro. Grande criação artistica, á altura das dos principes da scena dramatica. E se havemos de estar aqui enfiando logares communs encomiasticos, é melhor enviar o leitor ao que á respeito escreveu o Dr. A. de O. no *Diario do Rio*. Gostamos d'aquillo. E' o entusiasmo convencendo, sem admittir replica. Prosa que estortega, que crepita, que estala.

As citações são evocações, os argumentos são invocações. Os pensamentos não são sómente *sentidos*, são *vividos*. As phrases electricas encontram-se no fio do discurso produzindo uma luz que deslumbra e entontece os criticos myopes ou pedantes.

E' o melhor systema de critica que existe—impressões pessoaes inda quentes do calor do bello. São as mais verdadeiras e as unicas que se elevam á altura do assumpto. O mais é rethorica.

..

Em nome de Sua Magestade a Grammatica Portugueza, protestamos solem-
nemente contra o insolente procedimento do desabusado conselheiro da Fazenda,
que quer governar o paiz sem consultal-a e mesmo irrogando-lhe injurias
grosseiras. Sua Magestade faz ver que o desprezo de um de seus mais pobres
subditos, a virgula, bem pôde fazer o thesouro nacional ficar de barriga
pregada ás costas. Têm-se visto muito d'isso, e até ultimamente n'um testa-
mento litigou-se sobre a falta de uma virgula.

..

A subscrição para o monumento á J. de Alencar já vai adiantada. Que-
rerão encommendar ao estrangeiro o trabalho artistico? Não cremos que inda
uma vez nos condemnemos assim pela propria opinião. Possuimos um esculptor
de provados talentos, artista de raça, laborioso e modesto, e que quasi sempre
estiola á sombra por falta de trabalhos. O monumento ao nosso grande poeta e
romancista, feito á capricho por um artista nacional será ao menos um emblema
da vitalidade litteraria e artistica de uma parte de nossa mocidade, parte
generosa, illustrada e modesta.

..

O gazetilheiro do *Jornal do Commercio*, avançou ha dias, tratando do drama
Emigração, de A. Ennes, que: « *as peças theatraes d'esse senhor não têm merito
absolutamente de natureza alguma.* » Em o 1º órgão da imprensa nossa, um
juizo tão perempto, absoluto e impensado dá uma tristissima idéa da já triste
critica. O Sr. Ennes e os que julgam-no sem paixão pouco se incomodaram
com isso. Porém não, que aliás acha-nos muitos defeitos em seus trabalhos
dramaticos, mas que tambem tem algum senso para lobrigar-lhe um verdadeiro
talento para a scena.

Lembramos-lhe, em respeito ao critico alludido, as palavras do Christo na
cruz: ... perdoai-lhe, senhor, porque, etc., etc.

O *Jornal*, que possui um excellente critico musical e um insigne folhetinista
microcosmico, devia de não mais dar o cavaquinho por lebre. Contente-se com
o obituario e prisões, que o Larousse não dá.

U.

FRAGMENTO HISTORICO

Obtivemos e publicamos na secção competente desta *Revista*
um fragmento do importante dicionario *historico, geographico e
bibliographico*, que actualmento está sendo elaborado pelo talen-
toso professor Dr. Alfredo Moreira Pinto. Sobre esta obra de tão
largo folego e aturado estudo, que vem preencher, em nossas
letras, um vacuo enorme, já muito disse a imprensa da côrte e
por conseguinte nos limitamos a offerecer á apreciação dos nossos
leitores esse fragmento, que se refere á epoca talvez de mais vida
e movimento de nossa historia.



REVISTA AMERICANA

PREÇO DA ASSIGNATURA

CORTE E PROVINCIAS

Anno	10\$000
Sem estre	5\$000
Trimestre	2\$500
Numero avulso	\$500

A quantia resultante das assignaturas, não só das provincias como desta côrte, deverá ser enviada pelo correio, em carta registrada com valor declarado, pelos respectivos assignantes ou delegados destes, ao Sr. H. Fleiuss na typographia do IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO á rua d'Ajuda n. 61. Ao mesmo estabelecimento deve ser dirigida toda a correspondencia para a redacção.

Assigna-se ainda este periodico na livraria dos Srs. Maia & Ramos, rua de S. José n. 113.